

## FALTA MEIO-DE-CAMPO

**\* Roberto Rodrigues**

Os jogos do Brasil na Copa do Mundo foram todos feios, mesmo aqueles que a Seleção canarinho venceu. Nunca convenceu, e mesmo antes da Copa o diagnóstico era claro: o time não tinha meio de campo, os zagueiros ficavam “lançando” aos atacantes na base do chutão e a bola nunca chegava “redonda” para estes. Eis aí um assunto que qualquer iniciante em futebol sabe: sem meio-de-campo não se ganha campeonato.

Deu no que deu, e espera-se que os cartolas da CBF aproveitem a lição alemã para montar um projeto de longo prazo para que o futebol brasileiro volte a ser admirado e respeitado pelo mundo todo: uma estratégia completa, que irá desde a garimpagem de craques-promessa até a conquista de títulos. E isso toma tempo, exige dedicação e sobretudo perseverança. Não se devem esperar bons resultados no curto prazo: a Alemanha levou mais de 10 anos, para organizar seu solidário time campeão.

É tudo assim, em qualquer setor da economia também. Sem estratégia bem feita, sem planejamento com metas claras, sem time organizado, e sem craques, nenhuma atividade será vencedora.

Mas o Brasil não tem mais bons jogadores?

Alguém sempre dirá que não adianta estratégia nem bom técnico se não tivermos craques... Claro que isso é importante, um ou dois grandes astros podem desequilibrar qualquer partida. Mas a Itália tem Pirlo, a Colômbia tem James Rodriguez, o Brasil tem Neymar, e Holanda tem Robben, e nenhum deles foi campeão. A Argentina tem Messi e Mascherano, mas isso não foi suficiente para ganhar da Alemanha que, por sua vez, não tem nenhuma estrela muito maior que a média do time.

Portanto, ter craque é bom, mas a estratégia, a aplicação, o espírito de equipe e a vontade de vencer são ainda mais importantes. E, fundamentalmente, precisamos de um bom meio de campo, para ligar a defesa ao ataque, sem chutões desesperados.

Que lição podemos tirar disso para o agronegócio?

Temos um excelente time: a nossa defesa é formada pelos cientistas que, em instituições públicas e privadas de pesquisa, em todos os níveis (federal, estadual e municipal) desenvolvem tecnologias e inovações que garantem nossa competitividade.

Nosso ataque é fantástico: são os produtores rurais, suas cooperativas, sindicatos e associações, a agroindústria, todos artilheiros natos e indomáveis. Com bola bem passada não há dúvida quanto à goleada.

E o meio de campo é composto pelas instituições públicas ou privadas que prestam serviços (crédito, seguro, assistência técnica, planejamento) e que precisam melhorar um pouco mais o seu jogo, reduzindo aqueles passos laterais ou para trás, típicos de burocratas sem imaginação ou vontade para resolver os problemas com boas políticas públicas.

Hoje em dia, mesmo sem uma estratégia bem articulada, nosso agronegócio vai ganhando um jogo atrás do outro. Já somos os maiores exportadores do complexo soja, de açúcar, café em grão, carne bovina e de frangos, suco de laranja e tabaco. E vamos crescendo com carne suína, algodão, milho, frutas e flores.

Vamos ganhar a Copa do Mundo da alimentação? Bom, temos o nosso Maracanã que é o cerrado de Centro Oeste, nossa defesa e ataque estão preparados. Mas precisamos de um técnico moderno e competente, que acredite que para ganhar, é preciso ter bola rolando, com meio de campo eficiente e que entenda que o gol é o lucro: o Presidente da República.

Vamos escolher o técnico com maior visão estratégica sobre o papel que o agro brasileiro vai jogar na Copa da Segurança Alimentar. Só assim seremos campeões admirados e amados por todas as torcidas dos consumidores do mundo inteiro.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**